

OS BENEFÍCIOS DO BRINCAR FUNCIONAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DIAGNOSTICADA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

LIMA, T. S.¹
FERREIRA, G. M. M.²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits na comunicação, interação social e comportamentos restritos e repetitivos, manifestando-se desde a infância. O brincar funcional é definido como a manipulação de brinquedos ou objetos de acordo com a sua função. O objetivo do estudo foi analisar o impacto do brincar funcional no desenvolvimento da criança com TEA, buscando analisar as definições acerca do brincar funcional, os benefícios no desenvolvimento da criança com TEA e as possíveis intervenções realizadas através da ciência da Análise do Comportamento. A pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, através de consultas em artigos e banco de dados. Os déficits associados ao diagnóstico de TEA afetam a funcionalidade da brincadeira, dificultando as interações sociais com pares, familiares e educadores. Conclui-se, que, o ensino do brincar funcional torna-se fundamental para o desenvolvimento de crianças com TEA, contribuindo para a redução de padrões estereotipados, rígidos e repetitivos de brincadeiras, além de promover o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, bem como as interações sociais com os pares.

Palavras-chave: TEA, ACA, brincar funcional, autismo.

ABSTRACT

The Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder characterized by deficits in communication, social interaction, and restricted and repetitive behaviors, manifesting from early childhood. Functional play is defined as the manipulation of toys or objects according to their intended function. The aim of the study was to analyze the impact of functional play on the development of children with ASD, exploring definitions of functional play, its benefits for children with ASD, and potential interventions based on the science of Behavior Analysis. The research was conducted through a qualitative literature review, utilizing articles and databases. The deficits associated with an ASD diagnosis affect the functionality of play, hindering social interactions with peers, family members, and educators. It concludes that teaching functional play is essential for the

¹ Thamara Silva Lima. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: thamaralimags@hotmail.com

² Giovana Maria Mourinho Ferreira. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: giovanammourinho@gmail.com

development of children with ASD, contributing to the reduction of stereotypical, rigid, and repetitive play patterns, as well as promoting cognitive, social, and emotional development, along with social interactions with peers.

Keywords: ASD, ABA, functional play, autism.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um Transtorno do Neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, e também em características individuais, como comunicação verbal e não-verbal, interesses restritos, movimentos repetitivos, comprometimento intelectual, padrões estranhos de brincadeira, entre outros que são definidas por especificadores. Os sintomas são percebidos precocemente na primeira infância e nos primeiros anos escolares (American Psychiatric Association, 2023).

O uso do termo “espectro” implica em diferentes manifestações clínicas. O TEA pode ocorrer em três níveis de comprometimento, sendo definidos, pelo nível, o suporte que o indivíduo recebe. No nível um, o indivíduo precisa de algum suporte, no nível dois, exige-se um suporte moderado e no nível três, é necessário muito suporte. No que se refere à etiologia, as causas precisas ainda são desconhecidas, mas estudos apontam fatores ambientais, genéticos e fisiológicos como fatores de risco para o desenvolvimento do TEA, como idade parental avançada, baixo peso ao nascer, herdabilidade do transtorno e mutação genética (American Psychiatric Association, 2023).

Com base em dados coletados mundialmente entre 2012 e 2021, Zeidan *et al.* (2022) concluíram que uma a cada cem crianças são autistas, sendo a proporção de uma menina para cada quatro meninos, entretanto no Brasil, há uma escassez de informações acerca da prevalência do autismo na população.

O psiquiatra suíço Eugen Bleuler foi o precursor do termo autismo, quando em 1911, referiu-se ao autismo como o afastamento da realidade acompanhado pelo domínio predominante do mundo interior, acreditando ser um sintoma da esquizofrenia (Marfinati e Abrao, 2014). O Transtorno do Espectro Autista integra os transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e síndrome de Asperger (American Psychiatric Association, 2023).

O tratamento para o TEA deve ser baseado nas necessidades de cada criança, desenvolvido de forma individual, dado que, indivíduos com o mesmo diagnóstico podem ter sintomas clínicos muito diferentes, dessa forma, existem intervenções conjuntas que englobam a psicoeducação, suporte e orientação de pais, psicoterapia comportamental, fonoaudiologia, medicação, dentre outras possibilidades que proporcionam uma melhor adaptação da criança ao meio em que ela vive (Reis e Lenza, 2019).

Por sua vez, Sella e Ribeiro (2018) apontam que aspectos sociais do desenvolvimento da criança são diretamente afetados pelo TEA, sendo possível observar sinais relacionados a dificuldade de atender a chamados, baixo contato visual, afeto reduzido, pouco sorriso social, poucos gestos de apontar, propensão por ficar sozinho, ausência de atenção compartilhada e interesse reduzido em brincadeiras com crianças, gerando perdas significativas em atividades que envolvem a socialização, como o brincar, que tem se apresentado como um agente importante na história da criança, se tornando alvo de investigação para crianças típicas e atípicas em diferentes áreas e abordagens da psicologia.

Por isso, a literatura indica diferentes formas de brincar que podem fazer parte do repertório infantil. Como o brincar simbólico que pode ser entendido como a brincadeira de faz de conta, isto é, usar um objeto como se fosse outro, atribuir funções ao objeto que não são dele e referir-se ao objeto como se estivesse presente, como utilizar um bastão como espada. Enquanto o brincar funcional envolve o uso e manipulação adequada de objetos e brinquedos presentes na brincadeira de acordo com a sua função, como utilizar uma colher para dar comida a uma boneca, ou então, fazer um carrinho andar em uma pista (Terpstra *et al.* 2002).

Diante do cenário que se apresenta, conhecer os impactos que o brincar funcional traz para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode contribuir para uma análise dos benefícios apresentados a criança na perspectiva da ciência da Análise do Comportamento, dado que, ao ser apresentado como um método interventivo, o brincar promove contextos que permitem o desenvolvimento de uma gama de habilidades.

Portanto, este trabalho busca identificar os impactos do brincar funcional no desenvolvimento da criança diagnosticada com TEA, além de investigar a relação entre o brincar funcional e o desenvolvimento de crianças autistas, bem como,

descrever o brincar funcional em intervenções com crianças com TEA e analisar os benefícios do brincar funcional à luz da Análise do Comportamento.

MÉTODO

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura nas bases de dados SCIELO, Pubmed e PEPSIC, no período entre 2019 e 2024. Os descritores utilizados foram “TEA”, “ABA”, “brincar funcional” e “autismo”. A metodologia utilizada foi a revisão dos artigos selecionados. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos 5 anos. Foram encontrados 89 artigos, destes, apenas 5 artigos que abordam a temática proposta (Quadro 1). Após a leitura dos resumos, os artigos foram lidos na íntegra e os resultados foram interpretados buscando uma síntese do conhecimento encontrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões foram realizadas a partir da leitura dos artigos selecionados, em diálogo com literaturas clássicas da Análise do Comportamento. Assim, a análise dos artigos indica que a brincadeira funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) raramente é alvo de pesquisas nacionais, apontando para a necessidade de se realizar pesquisas voltadas ao tema no Brasil, uma vez que não há publicações recentes sobre o tema em língua portuguesa. Desta forma, os resultados encontrados foram organizados em seções no quadro abaixo.

Quadro 1. Estudos selecionados para a revisão bibliográfica.

TÍTULO	AUTORES	ANO	LOCAL	OBJETIVO
Similarities in Functional Play and Differences in Symbolic Play of Children With Autism Spectrum Disorder	<u>Kathy Thiemann-Bourque</u> , <u>Lynette K Johnson</u> , <u>Nancy C Brady</u>	2019	Silver Spring, Maryland	Apresentar as similaridades e as diferenças entre o brincar simbólico e o brincar funcional em crianças com TEA
We don't play that way, we play this way: Functional Play Behaviours of	<u>Christina L Hancock</u>	2020	United States	Analisar os comportamentos de brincar funcional em crianças com TEA

Children with Autism and Severe Learning Difficulties				
Teaching Functional Play Skills to a Young Child with Autism Spectrum Disorder through Video Self-Modeling	<u>Sharon Y Lee, Ya-Yu Lo, Yafen Lo</u>	2019	New York	Ensinar crianças com TEA a brincar funcionalmente através de vídeo-modelação
Functional play in young children with autism and Williams syndrome: A cross-syndrome comparison	<u>Peter A J Fanning, Laura Sparaci, Cheryl Dissanayake, Darren R Hocking, Giacomo Vivanti</u>	2020	London	Comparar o brincar funcional em crianças diagnosticadas com TEA e crianças diagnosticadas com a síndrome de Williams
The Establishment of Functional Play Behaviors in Children with Autism: Implications for School Inclusion	<u>Daniel Carvalho de Matos, Pollianna Galvão Soares de Matos, Creuziana Xavier de Araújo, Camila Gonçalves Ribeiro, Eliane Ribeiro Magalhães de Sousa Fortes de Melo</u>	2019	São Luís, MA	O estabelecimento do comportamento de brincar funcional em crianças com TEA

Fonte: elaboração da própria autora.

Definições do brincar funcional

O surgimento da brincadeira funcional é um marco fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que, a aquisição dessas habilidades em bebês e crianças pequenas ocorre dentro de interações sociais com cuidadores e colegas, através da imitação e a atenção conjunta, exigindo uma maior compreensão das propriedades dos objetos e as suas relações de causa e efeito, assim como, um

planejamento motor de sequências de ação e coordenação olho-mão, como, bater um martelo em um pino específico (Fanning *et al.* 2020).

O brincar funcional é comumente definido como a manipulação de brinquedos ou objetos de acordo com a sua função, embora, também englobe a interação com apenas um ou mais objetos, consigo mesmo e também com o ambiente. Dessa forma, o brincar funcional pode ser atrelado a brincadeira simbólica, devido ao fato de que a aptidão funcional de um objeto pode ser atribuído ao faz de conta, como citado por Hancock (2020), que inclui como brincadeira funcional a criança utilizar o próprio corpo como parte da brincadeira, como passear com um caminhão de brinquedo sobre o seu corpo, assim, o caminhão está sendo utilizado como a sua função denota e o corpo é usado de maneira imaginativa, simulando uma pista ou estrada, dessa forma, Fanning *et al.* (2020), apontam que:

Se uma criança usa um pino como se estivesse desenhando em papel, o componente funcional do desenho é perdido e isso se torna um caso de brincadeira simbólica. Mas se a criança desenha com um marcador em outra superfície, a função da ferramenta de desenho é mantida e ainda estamos no reino da brincadeira funcional, embora não convencional (Fanning *et al.* 2020, p. 5).

Portanto, o brincar funcional demonstra ser mais complexo do que simplesmente usar um objeto de acordo com a sua função, incluindo também, o uso de brinquedos e materiais de forma funcional e apropriada ao momento, como utilizar um fogão de brinquedo como um fogão de verdade, fazer a boneca dormir como um bebê, chutar a bola no gol ao invés de girá-la ou levar uma xícara de chá a boca.

O brincar funcional também está associado ao uso convencional de objetos ou associações entre eles. Por exemplo, combinar brinquedos com base em suas propriedades, como conectar trilhos de trem, direcionar objetos para si mesmo, como segurar um telefone de brinquedo no ouvido, ou também, direcionar ações para os pares ou objetos inanimados, como escovar o cabelo de um colega ou alimentar a boneca com uma colher (Thiemann-Bourque, Johnson e Brady, 2019).

O brincar funcional em crianças com TEA

Crianças com autismo costumam apresentar déficits em diversas áreas, sendo as habilidades de brincar frequentemente afetadas, exibindo pouca ou nenhuma habilidade de brincadeira funcional. Assim, o processo de brincar em crianças com TEA, quando presente, se apresenta de maneira simples, repetitivo e

estereotipado, dificultando o seu interesse e envolvimento na atividade do brincar. Assim, Koegel *et al.* (1974), apontam que comportamentos estereotipados interferem diretamente em comportamentos mais adaptativos, como brincadeiras com brinquedos, uma vez que, ao invés de brincar funcionalmente, crianças com autismo tendem a se envolver em comportamentos autoestimulatórios, como bater as mãos, balançar o corpo e girar objetos.

Diferente de crianças com desenvolvimento típico, as crianças com transtorno do espectro autista (TEA) muitas vezes não possuem habilidades de brincadeira adequadas à idade e tendem a se envolver em brincadeiras mais imaturas, como brincadeiras sensório-motoras, bem como, a utilização de brinquedos e objetos de maneira rígida e limitada, como girar pneus de um carrinho de brinquedo repetidamente, além de apresentarem comportamentos mais simples e menos elaborados quando possuem tal habilidade.

Thiemann-Bourque, Johnson e Brady (2019), declararam que crianças com TEA costumam demonstrar interesse em brinquedos que possuem modalidades sensoriais e não funcionais, demonstrando um envolvimento maior em explorações orais em brinquedos, como também, girar e bater objetos, além de ações repetitivas, demonstrando dificuldades em desenvolver a habilidade de brincar espontaneamente.

Assim, entende-se, que, a falta de espontaneidade nas brincadeiras e a prevalência de comportamentos estereotipados intensificam as dificuldades de envolvimento com brinquedos e objetos variados, tornando a brincadeira funcional um desafio para crianças com TEA, uma vez que, o seu interesse maior está em manipular os brinquedos e objetos de maneira sensorial. Além disso, os déficits e dificuldades associados ao diagnóstico de TEA também propiciam dificuldades no envolvimento de pares em brincadeiras, bem como prejuízos nos ganhos significativos que implicam a atividade do brincar, como o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e imaginativas.

O ensino do brincar funcional

As habilidades lúdicas promovem um aumento significativo nas interações verbais entre variadas crianças, gerando oportunidades de adquirir novos comportamentos, sobretudo, porque outras pessoas podem se tornar modelos. Para Willians (2001), os déficits apresentados no uso funcional dos brinquedos e objetos

podem estar associados às dificuldades relacionais e interacionais com os pares, uma vez que as pessoas desempenham papéis fundamentais em apresentar à criança o uso adequado dos objetos.

Assim, a automodelagem por vídeo, tem sido uma intervenção bastante eficaz para o ensino do brincar funcional, uma vez que, envolve o indivíduo visualizando a si mesmo realizando com sucesso um comportamento que está em seu repertório comportamental, mas ocorre com baixa frequência. O vídeo inclui filmagens editadas para mostrar exclusivamente o comportamento positivo do indivíduo. Inicialmente, são dadas instruções dentro da brincadeira, como “dê milho ao cavalo”, “coloque a boneca na cama”, “coloque a galinha no celeiro” e, posteriormente, a gravação é apresentada ao aprendiz sem o áudio das instruções, de modo que, ele possa se assistir e imitar seus comportamentos dentro da brincadeira, através do procedimento de modelação. Para que a intervenção ocorra, existem alguns pré-requisitos, como ter diagnóstico de TEA, ter habilidades de jogo funcionais em déficit, ter habilidades de imitação e por fim, demonstrar interesse em assistir a vídeos (Lee, Lo e Lo, 2019).

O uso de dicas, incluindo visuais e de áudio também têm se mostrado bastante eficaz para o ensino do brincar funcional, dado que, o brincar funcional é ensinado através de cadeias comportamentais, procedimento frequentemente utilizado para o ensino de atividades cotidianas, como escovar os dentes. As dicas são utilizadas para engajar a brincadeira com diferentes brinquedos de maneira independente, representando várias etapas ou ações a serem realizadas sob o controle de imagens, retratando diferentes ações com os brinquedos, de modo que diferentes sequências de ações possam ser realizadas para um mesmo agrupamento de brinquedos. Cada imagem de um conjunto é anexada a uma página de um fichário com várias páginas, na qual, uma página final apresenta a frase “tudo pronto”, indicando o fim de uma sequência (De Matos, De Matos e De Araújo, 2019).

Portanto, pode-se dizer, que o brincar funcional pode ser ensinado através da utilização de procedimentos como modelação, modelagem e construção de cadeias comportamentais, corroborando com os achados de Borges e Cassas (2012), que definem como modelação a relação entre um modelo antecedente e a resposta de observá-lo e imitá-lo, produzindo para o aprendiz consequências semelhantes às do modelo; enquanto a modelagem refere-se ao processo gradual de aprendizado onde uma resposta é alterada aos poucos por meio de reforços diferenciais, incentivando aproximações sucessivas até alcançar a resposta desejada e, por fim, a cadeia

comportamental pode ser entendida como uma sequência de comportamentos que são encadeados de maneira que um comportamento inicial leve a uma série de comportamentos subsequentes, até que um comportamento final ou resultado seja alcançado.

A Análise do Comportamento compreende o brincar como uma possibilidade de ensinar novos comportamentos à criança através da análise de como as contingências de reforçamento modificam o comportamento. Conforme citado por Lovaas (2003), o tratamento baseado na Análise do Comportamento Aplicada se concentra em ensinar uma vasta gama de comportamentos adaptativos, sendo eles cognitivos, linguísticos e sociais, através de reforços de aproximações dos comportamentos alvo, aumentando assim, as diferenciações complexas.

Assim, compreende-se que a brincadeira funcional se torna importante, pois permite que as crianças compreendam o ambiente no qual estão inseridas, portanto, aprender a brincar funcionalmente pode auxiliar na redução de padrões estereotipados, rígidos e repetitivos de brincadeiras, além de promover o desenvolvimento cognitivo crítico e as interações sociais com os pares. Assim como, Nuzzolo-Gomez *et al.* (2002), apontam que, o brincar funcional pode ser entendido como um modificador de repertórios da criança, podendo resultar em ganhos significativos, como aumentos espontâneos de brincadeira e a redução de comportamentos estereotipados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos apontam para a potencialidade do brincar funcional no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista, considerando que, o seu ensino promove não somente habilidades adequadas de brincadeira, mas também, ganhos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional, bem como, linguagem e raciocínio lógico.

A Análise do Comportamento Aplicada contribui para o processo de ensino e aprendizagem através de procedimentos voltados a aquisição de novos repertórios, como modelagem, modelação e cadeia comportamental, sendo o brincar funcional compreendido e ensinado em diversas dimensões da vida da criança com TEA, podendo atuar como um facilitador de interações sociais com pares, educadores e familiares.

Assim, embora o ambiente clínico seja essencial para o ensino do brincar funcional, é fundamental que a sua prática seja estendida a outros contextos, visto que, a continuidade desse ensino em outros espaços, como o ambiente escolar, familiar e social, permite a generalização das habilidades adquiridas. Dessa forma, investir em capacitações voltadas a cuidadores e educadores acerca da importância do brincar funcional a partir dos princípios da Análise do Comportamento pode se tornar um auxiliador para a promoção de ambientes estimulantes e adequados de ensino.

Além disso, os resultados encontrados apontam para a necessidade de se realizar pesquisas acerca do brincar funcional em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista no Brasil, uma vez que, a escassez de estudos brasileiros voltados a essa temática trouxe limitações às análises realizadas, restringindo a profundidade e diversidade dos resultados encontrados, além de dificultar a contextualização dos princípios abordados para a realidade local.

Por fim, a relevância de pesquisas empíricas no Brasil se torna fundamental para a validação e promoção dessas práticas, garantindo que o brincar funcional seja efetivamente integrado nas intervenções, impactando positivamente a qualidade de vida das crianças diagnosticadas com TEA.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BORGES, N. B.; CASSAS, F. A. e cols (Orgs). **Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

DE MATOS, D. C.; DE MATOS, P. G. S.; DE ARAÚJO, C. X.; *et al.* The Establishment of Functional Play Behaviors in Children with Autism: Implications for School Inclusion. **Creative Education**, v. 09, n. 13, p. 1910–1930, 2019. Disponível em: <https://file.scirp.org/pdf/CE_2018101715552495.pdf>.

FANNING, P. A. J; SPARACI, L.; DISSANAYAKE, C.; *et al.* Functional play in young children with autism and Williams syndrome: A cross-syndrome comparison. **Child**

neuropsychology : a journal on normal and abnormal development in

childhood and adolescence, v. 27, n. 1, p. 125–149, 2020. Disponível em:

<<https://eds.s.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=3f218cfe-f088-479a-9574-e3881ea73acf%40redis>>.

HANCOCK, C. L. We don't play that way, we play this way: Functional Play Behaviours of Children with Autism and Severe Learning Difficulties. **Research in Developmental Disabilities**, v. 103, p. 103688, 2020. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0891422220301189?via%3Dihub>>.

KOEGEL, R. L.; FIRESTONE, P. B.; KRAMME, K. W.; *et al.* Increasing spontaneous play by suppressing self-stimulation in autistic children1. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 7, n. 4, p. 521–528, 1974. Disponível em: <

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1311666/>>.

LEE, S. Y.; LO, Y.; LO, Y. Teaching Functional Play Skills to a Young Child with Autism Spectrum Disorder through Video Self-Modeling. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 47, n. 8, p. 2295–2306, 2019. Disponível em:

<<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10803-017-3147-8>>.

LOVAAS, O. I. **Ensinando indivíduos com atrasos de desenvolvimento: técnicas básicas de intervenção**. Austin, Texas: PRO-ED, 2003.

MARFINATI, A.; ABRAO, J. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000200002&lng=pt&nrm=iso

NUZZOLO-GOMEZ, R.; LEONARD, M. A.; ORTIZ, E.; RIVERA, C. M.; *et al.* Teaching children with autism to prefer books or toys over stereotypy or passivity. **Journal of Positive Behavior Interventions**, v. 4, n. 2, p. 80-87, 2002. Disponível em: <

<https://psycnet.apa.org/record/2002-02396-003>>.

REIS, S. T.; LENZA, N. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2019. Disponível em:

<http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, D.M. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. Curitiba: Appris, 2018.

TERPSTRA, J. E.; HIGGINS, K.; PIERCE, T. Can I Play? Classroom-based interventions for teaching play skills to children with autism. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**, v. 17, n. 2, p. 119–127, 2002. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2002-15077-006>.

THIEMANN-BOURQUE, K.; JOHNSON, L. K. ; BRADY, N. C. Similarities in Functional Play and Differences in Symbolic Play of Children With Autism Spectrum Disorder. **American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities**, v. 124, n. 1, p. 77–91, 2019. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6748042/>>.

WILLIAMS, E.; REDDY, V.; COSTALL, A. Taking a Closer Look at Functional Play in Children with Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 31, n. 1, p. 67–77, 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11439756/>.

ZEIDAN, J. *et al.* Global prevalence of autism: A systematic review update. **Autism Research**, v. 15, n. 5, p. 778-790, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35238171/>.